The background of the cover is a watercolor illustration of a river landscape. The river flows from the top right towards the bottom left. The banks are lined with trees and foliage, rendered in various shades of green, brown, and blue. The style is soft and painterly, with visible brushstrokes and a textured appearance.

DANIEL MUNDURUKU

*Meu vô*  
**APOLINÁRIO**

*Um mergulho  
no rio da (minha)  
memória*

*Ilustrações*  
**ODILON MORAES**

***edelbra***

**EDELBERA**

DANIEL MUNDURUKU

*Meu vô*  
**APOLINÁRIO**

*Um mergulho  
no rio da (minha)  
memória*

*Ilustrações*  
**ODILON MORAES**

**edelbra**

Autoria **Daniel Munduruku**  
Ilustrações **Odilon Moraes**  
Projeto gráfico **Laura Guidali Amaral**  
Direção editorial **Alessandra De Lazzari**  
Revisão **Cláudia Bechler**

1ª edição, 1ª impressão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Munduruku, Daniel

Meu vô Apolinário : um mergulho no rio da (minha) memória /  
Daniel Munduruku ; ilustração Odilon Moraes. -- 1. ed. -- Porto  
Alegre, RS : Edelbra, 2023.

ISBN 978-65-5750-067-5 (brochura)

ISBN 978-65-5750-073-6 (capa dura)

1. Cultura indígena - Literatura infantojuvenil 2. Natureza -  
Literatura infantojuvenil 3. Povos indígenas - Literatura  
infantojuvenil I. Moraes, Odilon. II. Título.

23-158358

CDD-028.5

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

**edelbra**

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4400 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,  
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Indústria de Livros Ltda.

# SUMÁRIO

- 6 *Introdução*
- 8 *A raiva de ser “índio”*
- 12 *Maracanã*
- 22 *Crise na cidade*
- 26 *O vô Apolinário*
- 30 *A sabedoria do rio*
- 34 *O voo dos pássaros*
- 38 *Apolinário se une ao Grande Rio*
- 43 *Notas*
- 45 *Palavras do autor*
- 47 *Palavras do ilustrador*



# INTRODUÇÃO

Gosto muito de contar histórias. Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas em um canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram.

Tem histórias que a gente inventa e cria na cabeça, fruto da imaginação ou da inspiração de algum espírito que quer que a gente as ofereça às outras pessoas. Podem ser histórias engraçadas, românticas ou tristes. Histórias ajudam quem as lê de alguma forma que eu ainda não descobri.

E há histórias que aconteceram de verdade e que fazem parte da gente, são a vida da gente. Acontecimentos que nos fizeram saber sobre nós mesmos ou fatos que nos fizeram rir, ou chorar, ou só pensar. Mas são sempre fortes, porque marcam a nossa personalidade, nosso modo de ser e agir no mundo.

A história que vou contar não é sobre a minha pessoa. Ou melhor, é sobre a minha pessoa, mas não a que sou hoje – porque já não sou o mesmo que fui ontem –, e sim a pessoa que fui me tornando ao longo dos poucos anos de convivência que tive com meu avô, um velho que se sentava de cócoras para nos contar histórias dos espíritos ancestrais, aos quais ele chamava carinhosamente de avós e guardiões.

Na verdade, não sei muita coisa sobre meu avô porque o via muito pouco. No entanto, esse pouco de convivência marcou profundamente minha vida, formou minha memória, meu coração e meu corpo indígena. Acho até que falar dele me faz resgatar a história de meu povo e me dá mais entusiasmo e aceitação da condição que não pedi a Deus, mas que recebi Dele por algum motivo.

É isto que quero neste pequeno livro: partilhar um pouco da minha história, da história do meu povo e do meu avô ancestral, que me levou a compreender a sabedoria que está em todas as coisas e me fez descobrir

que não nascemos para estar o tempo todo no chão. Nascemos com asas para voar em muitas direções, às vezes sem sair do lugar.

Este livro foi escrito em um momento muito importante da minha trajetória de vida. Ele me ajudou a pensar melhor sobre mim mesmo, sobre minha atuação no mundo e sobre como as pessoas sempre tratavam mal as tradições originárias do Brasil. Escrevi este livro para não deixar que a vaidade tomasse conta de mim. Também para mostrar que podemos ter uma vida simples, mas completa.

Desejo boa leitura, bons aprendizados e uma vida longa para cada leitor ou leitora deste trabalho.



## A RAIVA DE SER “ÍNDIO”

A gente não pede para nascer, apenas nasce. Alguns nascem ricos, outros pobres; uns nascem brancos, outros negros; uns nascem em um país onde faz muito frio, outros em terras quentes. Enfim, nós não temos muita opção mesmo. Eu nasci indígena. Mas não nasci como nascem todos os indígenas. Não nasci em uma aldeia rodeada de mato por todos os lados; com um rio onde as pessoas pescam peixe quase com a mão de tão límpida que é a água. Não nasci dentro de uma Uk'a<sup>1</sup> Munduruku. Eu nasci na cidade. Acho que dentro de um hospital. E nasci em uma cidade onde a maioria das pessoas se pareciam com indígenas: Belém do Pará.

Nasci lá porque meus pais moravam lá. Meu pai era indígena e viveu em uma aldeia, como depois eu viveria também. Fui o primeiro filho da família a nascer na cidade. Antes de mim, já tinham nascido quatro meninas e dois meninos (um dos meninos não cheguei a conhecer), todos nascidos fora da cidade. Depois de mim, viriam ainda três meninos. Era uma alegria só.

Meus pais tinham ido para Belém em busca de uma maneira de sustentar tantas bocas, uma vez que já não era tão fácil viver na aldeia e eles sonhavam com a cidade. Por isso meu pai aprendeu uma profissão: carpinteiro. Foi um grande mestre nesse ofício enquanto viveu. Era apaixonado por isso.

Minhas primeiras lembranças – além de um terremoto que vivi aos quatro anos – são as do meu pai martelando, serrando e falando sobre as propriedades da madeira (acho que ele falava era do espírito das árvores, só que não me lembro bem disso). De qualquer modo, meu pai era um grande artesão e foi graças a essa sua habilidade que pôde alimentar tantos filhos durante tanto tempo.

Nós sempre moramos na periferia de Belém. Nossa maloca<sup>2</sup> não era nossa, e muitas vezes tivemos que mudar de lugar, de casa, de bairro. Foi uma época bem sofrida. Meus irmãos tiveram que ir trabalhar na cidade para ajudar nas despesas. Eu mesmo fui vendedor de doces, paçoca,



ED EMBRA





sacos de feira, amendoim, chopp (é um suco colocado em saquinhos plásticos congelados. Em São Paulo, chamam de geladinho). Fazia tudo isso com alegria. Eu era uma criança que gostava de fazer coisas novas.

Só não gostava de uma coisa: que me chamassem de *índio*. Não. Tudo, menos isso! Para meu desespero, nasci com cara de *índio*, cabelo de *índio*, tamanho de *índio*. Quando entrei na escola primária, então, foi um deus nos acuda. Todo mundo veio dizendo: “Olha o *índio* que chegou à nossa escola.” Meus primeiros colegas logo se aproveitaram para colocar em mim o apelido de Aritana<sup>3</sup>. Não preciso dizer que isso me deixou furo da vida e foi um dos principais motivos das brigas de rua nessa fase da minha história – e não foram poucas brigas, não. Ao contrário, briguei muito e, é claro, apanhei muito também.

E por que eu não gostava que me chamassem de “índio”? Por causa das ideias e imagens que essa palavra trazia. Chamar alguém assim era classificá-lo como atrasado, selvagem, preguiçoso. E, como já contei, eu era uma pessoa trabalhadora, que ajudava meus pais e meus irmãos, e isso era uma honra para mim. Mas era uma honra que ninguém levava em consideração. Eu ficava muito triste porque meu trabalho não era reconhecido. Para meus colegas, só contava a minha aparência... E não o que eu era e fazia.

Somente um lugar me deixava feliz. Aliás, dois. Um era o quintal de casa, pois a gente morava em uma casa onde havia um imenso terreno baldio e ali eu reunia meus colegas para brincar. Ali treinei meus ouvidos para escutar as conversas das corujas e dos sapos. Ali me refugiava quando queria ficar sozinho e pensar nos conhecimentos que estava adquirindo, nos primeiros livros que estava começando a ler. Ali comecei a jogar futebol nos campos improvisados que a gente fazia. Havia, porém, outro lugar maravilhoso para onde sempre fazia questão de ir. Para esse lugar, entretanto, eu não podia ir sozinho, tinha que ser levado, porque ficava longe da cidade. Era nossa aldeia familiar em Maracanã.

# MARACANÃ

Maracanã é o nome de um pássaro muito bonito da família das araras, por isso é também chamado de ararinha. Ele ficou conhecido por esse nome exatamente porque seu grito lembra um chocalho (maracá). Maracanã quer dizer “falso chocalho”. Também é o nome de um povo indígena que foi dizimado ao longo da história e que não deixou quase nenhum vestígio de sua passagem pelo planeta. O que sabemos sobre ele faz parte da memória de alguns povos vizinhos que contam sua saga e seu sofrimento.

No lugar da aldeia do povo Maracanã, foi erguida uma cidade com esse mesmo nome. Nossa aldeia ficava nesse município e chamava-se Terra Alta, por causa de sua localização geográfica. Lá eu passei os melhores anos de minha vida. Vou contar algumas passagens que podem até causar um pouco de inveja da minha infância.

A primeira lembrança que carrego comigo é a da escuridão da noite. As noites eram muito escuras, e toda a iluminação era feita pelas fogueiras acesas na frente das casas e pelas poucas lamparinas a querosene, uma inovação para nós. A gente se sentava diante das casas dos parentes e ficava horas a ouvir histórias contadas pelos velhos e velhas da aldeia. Algumas histórias eram horripilantes e davam medo de ouvir. Elas falavam dos seres da floresta que gostavam de brincar com os humanos. Essas criaturas apareciam de vez em quando para amedrontar as crianças. Era o saci-pererê, a Matinta Perera, o curupira, o boitatá, entre outros.

Nossas anciãs contavam a história de forma tão encantadora que pareciam verdadeiras, e todos morriam de medo. Tanto que, muitas vezes, a gente não tinha coragem nem mesmo de levantar para ir embora. Nossa fantasia era alimentada e visitada por esses pequenos seres trazidos até nós pela voz cantilena de nossas avós.

Lá, eu dormia em rede (aliás, como todos os outros). Elas eram armadas nos grandes mourões que cercavam as casas. Quando eram muitas redes

## PALAVRAS DO AUTOR

Escrevi esta história inspirado por dois grandes amigos, José Sebastião e Dirce Akamine, que conhecem culturas do mundo todo. Eles costumam dizer que os povos originários têm uma coisa que o povo brasileiro não tem: a ancestralidade.

Fiquei pensando o que queria dizer essa palavra e me deparei com um significado muito bonito: ter raízes. Concluí, então, que esses amigos diziam que fazer parte de um povo antigo é ter raízes. Isso me fez buscar – na memória – minhas raízes ancestrais. Aí, me lembrei de meu avô. Foi ele quem me ensinou a aceitar minha origem.

Descoberto isso, parti a escrever um texto com os ensinamentos que meu avô me passou. Tinha que ser um texto em que as pessoas pudessem ver o que e como a gente aprende; um texto que trouxesse a poesia da sabedoria dos nossos anciãos e mostrasse como eles têm um lugar de destaque dentro da nossa sociedade e de nossos corações.

Minha ideia é fazer com que as pessoas que leram este livro olhem para dentro de si – e também para fora – e vejam como é possível conviver com o diferente sem perder a própria identidade.

*Daniel Munduruku*



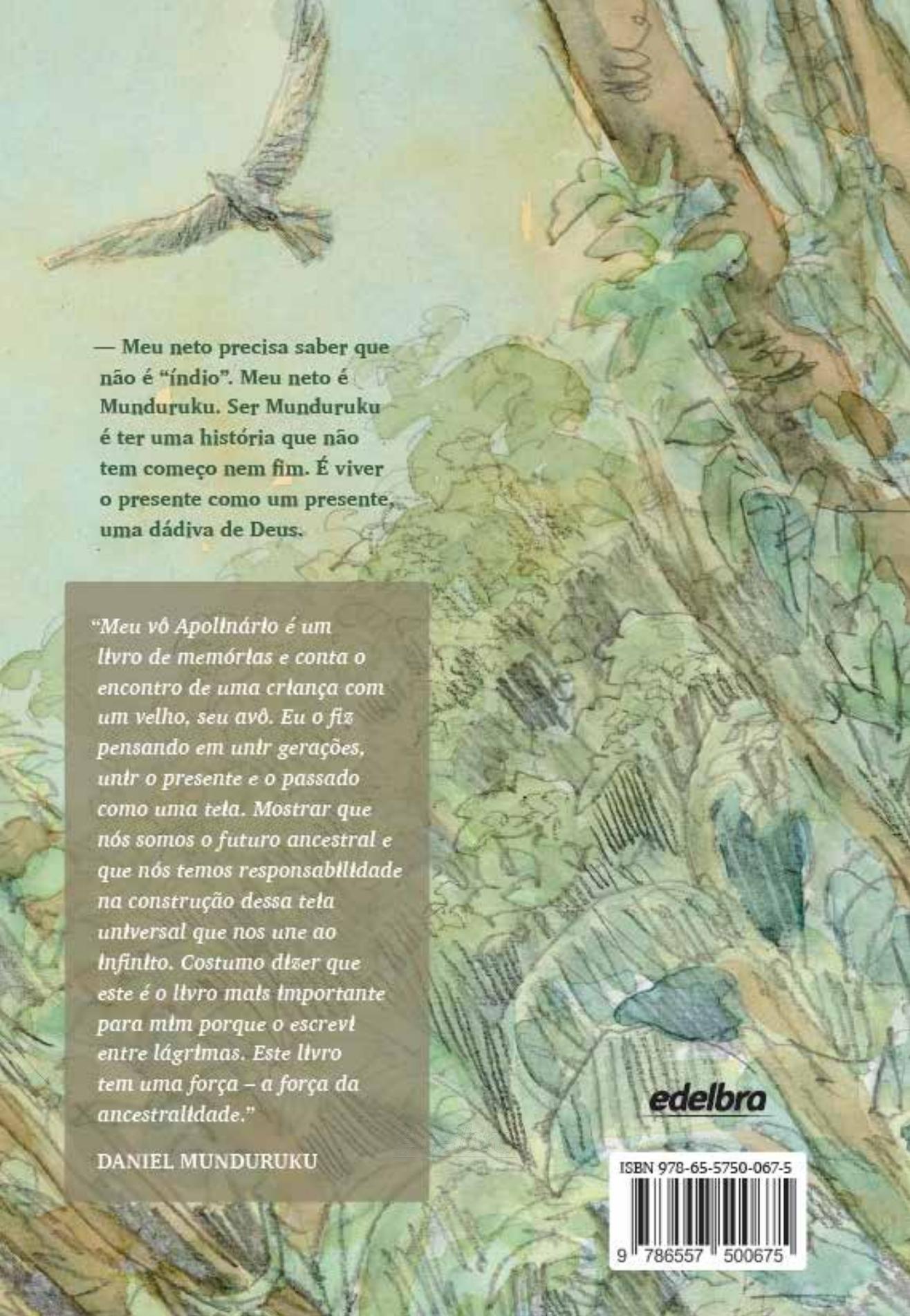
**EDELBRA**

## PALAVRAS DO ILUSTRADOR

Ao ser convidado a fazer as imagens para esta história, minha primeira reação foi de recusa. Sabendo tratar-se de uma narrativa do escritor em busca de raízes e de sua reconciliação com seus ancestrais, como poderia eu construir com desenhos algo que acompanhasse o curso do texto? Achei que qualquer movimento meu nessa direção poderia soar falso, estereotipado.

Foi então que o próprio Daniel me incentivou a entrar com meu mundo, com minha paleta cromática e minhas referências iconográficas pessoais. Só assim me senti confortável em conversar com o texto a partir do meu olhar. E parece que as melhores conversas são mesmo aquelas em que falamos a partir de nossos lugares e estamos abertos a ouvir sobre outros lugares.

*Odilon Moraes*

A watercolor illustration of a bird in flight, positioned in the upper left quadrant. The background is a dense, textured forest scene with various shades of green and brown, suggesting foliage and tree trunks. The style is soft and painterly.

— Meu neto precisa saber que não é “índio”. Meu neto é Munduruku. Ser Munduruku é ter uma história que não tem começo nem fim. É viver o presente como um presente, uma dádiva de Deus.

*“Meu vô Apollnárto é um livro de memórias e conta o encontro de uma criança com um velho, seu avô. Eu o fiz pensando em untr gerações, untr o presente e o passado como uma tela. Mostrar que nós somos o futuro ancestral e que nós temos responsabilidade na construção dessa tela universal que nos une ao Infinito. Costumo dizer que este é o livro mais importante para mim porque o escrevi entre lágrimas. Este livro tem uma força – a força da ancestralidade.”*

DANIEL MUNDURUKU

**edelbra**

ISBN 978-65-5750-067-5



9 786557 500675